

Pandemia

Atendimentos em Campinas se adaptam pelo autismo

A realidade de três profissionais que trabalham junto de pessoas com TEA durante a pandemia

Henrique Bragança

No dia 03 de março de 2021, a Prefeitura de Campinas tomou medidas de combate ao agravamento da pandemia, se antecipando ao Governo do Estado de São Paulo, que no dia 15 de março instituiu a fase emergencial da quarentena, mais rígida que a fase vermelha, restringindo ainda mais as atividades presenciais em todas as cidades do estado, incluindo a redução das atividades presenciais de escolas ao mínimo possível. Desde então, todas as categorias sociais e seus grupos foram afetados em certo grau, seja de forma econômica, seja de forma social, sendo que a última surte um efeito muito importante na melhora de vida de um certo grupo que vem conquistando seus direitos já a algum tempo, mas ainda sofre com a desinformação, esse grupo é o das pessoas diagnosticadas com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Segundo uma pesquisa de 2006 do CDC (Center of Diseases Control and Prevention), que é uma agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos do governo estado-unidense, 1 em cada 110 pessoas tem o TEA. Desta forma, é possível estimar que em Campinas exista entre 11 e 12 mil autistas, levando em consideração uma população em volta dos 1.213 milhões. Atualmente, muitos desses indivíduos são atendidos por diversas instituições e profissionais em Campinas, para que suas dificuldades de comportamento, emocionais e sociais possam ser tratadas em prol de sua saúde. Mas nos últimos dois anos, o ser humano vem necessitando cada vez mais de tratamentos de saúde, seja para combater doenças ou para manter seu psicológico saudável. Visto que pessoas que possuem transtornos mentais necessitam de acompanhamentos especializados, é de se imaginar que os autistas e quem trabalha com eles se viram em uma situação complicada nesse período de tempo.

Um desses profissionais é Fabricio Lahr, psicólogo e Co-fundador do CTA (Centro Terapêutico para Autistas). Localizada em Campinas, a entidade foi fundada em 2018, e já atendeu várias pessoas com autismo, sendo a maior parte jovens adultos, do sexo masculino, entre 20 e 30 anos. Ao oferecer programas terapêuticos individualizados, Fabricio e sua equipe técnica das áreas de psicologia, educação física, psicomotricidade, fonoaudiologia, terapia ocupacional e pedagogia, se viram obrigados a se adequarem a uma nova realidade, da qual seria necessário se distanciarem fisicamente das pessoas que cuidavam. A cozinha terapêutica, a horta e as atividades com músicas, tão importantes para a qualidade de vida, precisaram ser repensadas. Atualmente, atendimentos individualizados em residência e teleatendimentos são meios para amenizar a ansiedade, estresse e depressão em pessoas com TEA e até neurotípicas. Lahr conclui ao dizer como seu trabalho pode continuar. “Penso que um termo melhor, e uma forma mais viável de vivenciar esse período seja, talvez, pensando nesses cuidados como medidas



População. Estima-se que em Campinas exista por volta de 11 a 12 mil autistas. (Foto: Banco de fotos)

de distanciamento físico, onde o distanciamento físico, fundamental para evitar o espalhamento do vírus, é preservado, mas o contato entre as pessoas, mesmo que virtual, é mantido de alguma maneira, uma vez que contamos hoje com recursos tecnológicos que podem, inclusive, facilitar, ampliar e enriquecer o nosso contato social, sem que isso necessariamente se traduza em contato físico”.



Fabricio Lahr: “o contato entre as pessoas, mesmo que virtual, é mantido” (Foto: selfie)

SER para pertencer. Diversas outras instituições que cuidam do bem-estar da pessoa autista sofreram o impacto das medidas sanitárias. Outro exemplo é o Instituto SER. Com mais de 32 anos de história, a clínica e escola terapêutica transdisciplinar atende hoje cerca de 80 educandos de forma individualizada ou em pequenos grupos.

No início da pandemia, o instituto precisou fechar pelo menos 10 dias, para resguardar a saúde de seus profes-

sionais e educandos, que atualmente conseguem respirar melhor com o auxílio de aulas online e atendimentos presenciais, que seguem as normas do uso de máscaras, de álcool em gel e luvas.

Cláudia Dubard é diretora e fundadora do Instituto SER, e afirma ser possível continuar os atendimentos, visto a adaptação dos profissionais à tela do computador. Mesmo que não agrade muito, o trabalho remoto trouxe novas perspectivas para quem está usufruindo dele.



Para Cláudia Dubard, continuar a terapia, mesmo que não presencial, é essencial para o indivíduo autista (Foto: selfie)

Ao permanecerem grande parte do tempo dentro de suas casas, os educandos com TEA tiveram a oportunidade de estar por mais tempo perto de suas famílias, das quais cumprem um papel muito importante no tratamento terapêutico e educacional desses indivíduos, que apesar da dificuldade de lidar com mudanças, tem sido positiva a resposta em relação a interação por tela.

“Tudo isso é novo e ao mesmo tempo estar vivendo isso está sen-

Definição

Segundo a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde), órgão internacional integrado a ONU, O transtorno do espectro autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo, sendo realizadas de forma repetitiva.

do importante para eles, tá sendo diferente, nem ruim nem bom, somente diferente”, explica Cláudia.

“Em relação a educação é preciso caminhar muito ainda com informações específicas sobre o TEA, cada autista é um por isso a necessidade de estudarmos sempre para suprir suas dificuldades de desenvolver inúmeras habilidades para que tenham autonomia em sua vida, respeitando cada fase da vida”. Este posicionamento é de Danielle Testi, professora de educação especial no Instituto SER a quase 8 anos e responsável por 13 alunos.



Danielle Testi: “Em relação a educação é preciso caminhar muito ainda com informações específicas sobre o TEA” (Foto: selfie)

Em seu trabalho, ela também adotou mudanças significativas na forma como atua, seja na diminuição de grupos para reduzir o risco de contágio e transmissão do coronavírus, seja na tendência de utilizar mais tecnologias de vídeo e jogos para manter o aprendizado dos conteúdos trabalhados.

Em relação à políticas públicas, voltadas para o público autista, Danielle finaliza ao apontar o que acredita que falta atualmente no âmbito da educação. “Seria muito importante uma cartilha explicativa nas escolas estaduais, municipais e particulares aumentando a comunicação e interação entre professor, aluno e colegas.